



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI - MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/PORTUGUÊS**

WAGNER PEREIRA DA SILVA

**SOCIEDADE, MENTIRA E LITERATURA: UMA ANÁLISE
INTERDISCIPLINAR DO LIVRO “AUTO DA COMPADECIDA”**

**MONTEIRO
2019**

WAGNER PEREIRA DA SILVA

**SOCIEDADE, MENTIRA E LITERATURA: UMA ANÁLISE
INTERDISCIPLINAR DO LIVRO “AUTO DA COMPADECIDA”**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado à Coordenação do
Curso de Licenciatura Plena em Letras
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciado em Letras/
Português

Orientadora: Prof. Dra. Melânia Nóbrega Pereira de Farias

MONTEIRO

201

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586s Silva, Wagner Pereira da.
Sociedade, mentira e literatura [manuscrito] : uma análise interdisciplinar do livro "Auto da Compadecida" / Wagner Pereira da Silva. - 2019.
23 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2019.
Orientação : Profa. Dra. Melânia Nóbrega Pereira de Farias, Coordenação do Curso de Letras - CCHA.
1. Mentira. 2. Auto da Compadecida (Teatro brasileiro). 3. Literatura brasileira. 4. Ariano Suassuna (Escritor paraibano).
I. Título
21. ed. CDD B869.8

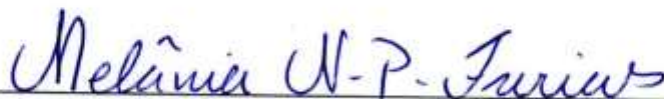
WAGNER PEREIRA DA SILVA

**SOCIEDADE, MENTIRA E LITERATURA: UMA ANÁLISE
INTERDISCIPLINAR DE "AUTO DA COMPADECIDA"**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado à Coordenação do
Curso de Licenciatura Plena em Letras
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciado em Letras/
Português

Aprovado em: 11/06/19

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Melânia Nóbrega Pereira de Farias (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Josefa Adriana Gregório de Sousa (examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Adilson da Silva Tavares (examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais e professores, por sempre me incentivar e nunca me deixar desistir, obrigado pelo pelo companheirismo de casa e pela dedicação e amizade na instituição, DEDICO.

“Os mentirosos são parecidos com os escritores que, inconformados com a realidade, inventam outras”.

(SUASSUN

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	06
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	08
2.1	ARIANO E SUA OBRA: SERIA ELE TAMBÉM UM MENTIROSO?	08
2.2	DISCUTINDO SOBRE SOCIEDADE, MENTIRA E LITERATURA PARTIR DE “AUTO DA COMPADECIDA”	10
3	CONCLUSÃO.....	19
4	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	21

SOCIEDADE, MENTIRA E LITERATURA: UMA ANÁLISE INTERDISCIPLINAR DO LIVRO “AUTO DA COMPADECIDA”

SOCIETY, LIE AND LITERATURE: AN INTERDISCIPLINARY ANALYSIS OF THE BOOK “AUTO DA COMPADECIDA”

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar o lugar da mentira na obra “Auto da Compadecida”, escrita por Ariano Suassuna em 1956. A partir de uma perspectiva interdisciplinar de análise da obra literária, pretendemos perceber como a mentira é articulada na narrativa da referida obra pelo autor através das ações e discursos das personagens. Deste modo, para desenvolvermos essa análise, embasaremos-nos em obras da Sociologia e da Antropologia, como Barnes (1996), que tematiza a mentira a partir da reflexão do cotidiano, sendo ela engendrada num contexto cultural; e da Filosofia, como Nietzsche (2007), que trata da mentira no sentido extramoral. Isto posto, buscamos mostrar em quais circunstâncias a mentira é aceita, quando é ambígua e em que situações ela é rechaçada. Portanto, é possível afirmar que as mentiras identificadas na história tem efeitos sobre o leitor: através delas o leitor é levado ao riso, assim como a uma reflexão moral. O ato de mentir é um comportamento praticamente esperado da interação social, é uma prática considerada corriqueira em sociedade, talvez, por este motivo, as pessoas admitam a mentira na obra, por que divertem-se com ela, dado o viés cômico de escrita do autor, por outro lado, faz com que pensem de que maneira a sociedade se organiza a partir da figura do mentiroso.

Palavras-chave: Literatura. Sociedade. Mentira. Auto da Compadecida.

ABSTRACT

The present work has the objective of analyzing the place of the lie in the work "Auto da Compadecida", written by Ariano Suassuna in 1956. From an interdisciplinary perspective of analysis of the literary work, we intend to realize how the lie is articulated in the narrative of the mentioned by the author through the actions and speeches of the characters. Thus, to develop this analysis, we base ourselves on works of Sociology and Anthropology, such as Barnes (1996), who thematize the lie from the reflection of everyday life, and it is engendered in a cultural context; and Philosophy, as Nietzsche (2007), which deals with lying in the extramoral sense. That said, we try to show in what circumstances lies are accepted, when it is ambiguous and in what situations it is rejected. Therefore, it is possible to affirm that the lies identified in the story have effects on the reader: through them the reader is led to laughter, as well as a moral reflection. The act of lying is a practically expected behavior of social interaction, is a practice considered commonplace in society, perhaps for this reason, people admit the lie in the work, because they have fun with it, given the comic bias of writing the author, on the other hand, makes them think how society is organized from the figure of the liar.

Keywords: Literature. Society. Auto da Compadecida.

1 INTRODUÇÃO

A proposta de trabalhar a mentira como forma de análise adveio da falta de estudos sobre o tema, ainda que não se trate de algo novo: desde sempre, enganar e ser enganado tem sido socialmente visto como prática humana. É evidente a dificuldade de encontrar trabalhos acadêmicos que abordam essa linha de pesquisa, tendo em vista que a mentira é um tema contínuo, assim como a tentativa de explicá-la e procurar sua função.

A prática da mentira é comum na sociedade em geral, e sendo assim, faz-se necessário sua problematização e reflexão, pois ela se faz presente no dia a dia das pessoas e das instituições. Nos dias atuais, a mentira é vista como algo recorrente na sociedade, ela se manifesta usualmente desde os falsos elogios até as mentiras despuoradas. Mentir é um comportamento praticamente esperado da interação social, é uma prática considerada regular em sociedade, talvez, por esse motivo as pessoas admitam a mentira como algo justificável. É freqüente escolher contar uma mentira quando se acha que ela trará resultados mais favoráveis do que dizer a verdade, enquanto causam pouco ou nenhum mal a alguém.

Com base no exposto, tornamos explícito o problema desta pesquisa: Qual o lugar social da mentira na obra *Auto da Compadecida*? Se a mentira é figura constante nas relações sociais e o raciocínio sobre suas implicações se faz necessário para compreensão desse fenômeno, propomos fazê-lo através desta obra literária.

Assim, ao buscarmos perseguir tal problema de pesquisa, objetivamos: 1) descrever e analisar como e em que situações os personagens da obra experienciam a mentira; 2) Oportunizar uma leitura da obra, analisando-a através do elemento da mentira; 3) Analisar no cânone o *Auto da Compadecida* e situar a importância da literatura nacional e regional que aborda o cotidiano.

Para abarcarmos nosso objeto de estudo se faz necessário delinear um percurso metodológico que atenda àquilo que aqui almejamos. Sendo assim, de acordo com os objetivos desta pesquisa, classificamos a mesma, primeiro, como descritiva, pois, segundo Selltiz, Wrightsman e Cook (1965), este é o meio de pesquisa que busca descrever um fenômeno ou situação em detalhe, especialmente o que está ocorrendo, permitindo abranger, com exatidão, as características de um indivíduo, uma situação, ou um grupo, bem como desvendar a relação entre os eventos.

Com relação aos procedimentos técnicos da coleta dos dados, esta pesquisa ainda se classifica como bibliográfica, pois, para Gil (2008), este tipo de procedimento é o passo inicial na construção efetiva de um protocolo de investigação. Ela tem o intuito de auxiliar o pesquisador na escolha de um método mais apropriado, assim como no conhecimento das variáveis e na verificação da autenticidade da pesquisa. A mesma é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Além disso, a pesquisa aqui proposta também pode ser classificada, segundo sua natureza ou tipo de abordagem que foi dada aos dados, como qualitativa. Segundo Trivinos (1987), a abordagem de cunho qualitativo trabalha os dados buscando seu significado, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto, ou seja, o uso da descrição qualitativa procura captar não só a aparência do fenômeno como também sua essência, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as consequências.

Ao tematizar a mentira, é necessário perceber que a depender da justificativa ou motivação que se usa para fundamentar este ato, a mentira será ou não aceita socialmente. Sua concordância ou repulsa dependerá ainda do contexto social, do ordenamento jurídico, da política, da religião, enfim, da cultura em que ela fora empregada. Sendo assim, do ponto de vista metodológico, esta pesquisa, ao tratar de análise literária, precisa ser feita mediante abordagem interdisciplinar.

Diante dos textos e suas interpretações e frente aos discursos socio-antropológicos sobre a temática aqui em questão, adotamos posicionamento análogo ao de Pinheiro (2003), que ao afirmar que o objeto do estudioso da Literatura são as obras literárias e que estas apresentam características específicas, tais quais: forte apelo conotativo que enseja uma dimensão estética essencial (p. 23), faz-se necessário, então, uma análise literária a partir de um diálogo de saberes, “em toda riqueza de compreensão humana que este diálogo poderá oferecer” (p. 29), constituindo-se, assim, um quadro de referência onde a Sociologia, a Antropologia e a Filosofia assumem, não um papel coadjuvante, e sim, retro alimentador em relação à Literatura .

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ARIANO E SUA OBRA: SERIA ELE TAMBÉM UM MENTIROSO???

O escritor e dramaturgo, Ariano Suassuna nasceu em Nossa Senhora das Neves, hoje João Pessoa, capital da Paraíba, no dia 16 de junho de 1927. Filho de um influente político, João Suassuna, cujo assassinato foi movido por motivações políticas, Ariano viu sua vida marcada pelo trágico episódio e, até o final de seus dias, defendeu a inocência do pai, acusado de ser o mandante do homicídio contra João Pessoa, então governador da Paraíba. Em 1942, como de praxe, ingressou na Faculdade de Direito e, enquanto estudava as leis, escrevia suas primeiras peças para teatro, encenadas no Teatro do Estudante Pernambucano, espaço criado por ele e pelo amigo Hermilio Borba Filho. Felizmente, para o bem da literatura, pouco advogou e, em 1957, tornou-se professor dos Departamentos de História e de Teoria da Arte e Expressão Artística da Universidade Federal do Pernambuco, cargo no qual permaneceu durante 31 anos.

Lançado no dia 18 de outubro de 1970, o Movimento Armorial, criado por Ariano Suassuna, foi um movimento artístico que apresentou o sertão como um universo cultural e lúdico, a intenção era construir uma arte essencialmente erudita através de elementos autenticamente nacionais, fundindo assim a cultura popular com o intrincado universo erudito. O Movimento Armorial tinha por objetivo também subverter a estética regionalista dos anos 30, demasiadamente preocupada com questões sociopolíticas. É importante ressaltar que esse movimento, muito mais do que uma estética literária, foi um movimento artístico que incluiu diferentes tipos de arte, como música, dança, teatro e arquitetura. Ariano Suassuna, tinha e tem o dom de encantar seus leitores através de seus livros, entre eles mais famosos estão *Os homens de barro*, *Romance d'A pedra do reino* e *o príncipe do sangue vai-e-volta* e *Auto da Compadecida* que, certamente é a obra mais famosa de Ariano, considerada, pelo teórico e crítico teatral Sábato Magaldi, como o texto mais popular do moderno teatro brasileiro.

A peça “Auto da Compadecida”, após ser encenada no Rio de Janeiro, no ano de 1957, no 1º Festival de Amadores Nacionais, ganhou destaque no Brasil, ou seja, surgia ali uma nova forma de fazer teatro, com base nas tradições populares. O enredo da peça é baseado em uma tradição do passado, que retoma os autos medievais de Gil Vicente e mais diretamente a inúmeros autores populares que se dedicaram ao gênero

do cordel. Nesse tipo de literatura, os criadores contam e recontam as mesmas histórias e acrescentam o seu toque pessoal. Talvez o fato de contar e recontar uma história, seja onde a mentira esteja envolvida, nunca se conta algo da mesma forma que se ouviu da primeira vez, contudo, exige do observador grande atenção aos detalhes.

A peça tem um pequeno texto introdutório que visa a orientar a encenação e a explicar, em linhas gerais, o espírito da obra: “O Auto da Compadecida foi escrito com base em romances e histórias populares do Nordeste. Sua encenação deve seguir, portanto, a maior linha de simplicidade, dentro do espírito em que foi concebido e realizado (...)”. Num determinado ponto da obra, o autor sugere ainda que na primeira cena se utilize o palco como um “picadeiro de circo”. De fato, nessa cena, todos os personagens (com exceção de Manuel, o Jesus, representado por um ator negro, que fica escondido para preservar o efeito de surpresa) apresentam-se ao público fazendo mesuras e são anunciados em voz alta pelo Palhaço, numa atmosfera circense. A primeira fala da peça cabe ao Palhaço, e a orientação do autor é que seja realizada em “grande voz”: “Auto da Compadecida! O julgamento de alguns canalhas, entre os quais um sacristão, um padre e um bispo (...)”. Após um “toque de clarim”, o assunto da peça é anunciado pelo Palhaço: “A intervenção de Nossa Senhora no momento propício, para triunfo da misericórdia. Auto da Compadecida!”

É possível perceber que todos esses elementos antecipam partes da narrativa: desde a apresentação prévia dos personagens até o anúncio de que será realizado um julgamento e que nele Nossa Senhora intervirá de forma a salvar os condenados. O espectador pode se perguntar: para que antecipar o que vai acontecer e estragar a surpresa? Ai é que está o segredo, o fato é que, nesse tipo de tradição, o que importa não é um final inesperado. O que deve ser apreciado é o “como se fez”, ou seja, a habilidade do autor ao trabalhar o material conhecido de todos.

Fenômeno parecido pode ser observado no romance *Dom Quixote*, no qual os títulos de cada um dos inúmeros capítulos antecipam os acontecimentos que depois serão contados detalhadamente. Esse prazer de contar e recontar histórias é típico da tradição oral e é menos privilegiado em nossos dias, em virtude de mudanças históricas que fazem com que o homem contemporâneo não tenha tempo nem disposição para ouvir repetidas vezes as mesmas histórias e, com isso, acaba encurtando o assunto e muitas vezes é daí que surge aquela velha mentirinha.

Deste ponto de vista nos parece plausível afirmar, pois, que Ariano Suassuna, então, considerado escritor da vida cotidiana, é, de certa forma, também um

mentiroso. Mentiroso porque humano, mas também como autor, haja visto que são dele próprio as seguintes palavras: “Os mentirosos são parecidos com os escritores que, inconformados com a realidade, inventam outras”. Assim, Ariano Suassuna “inventa” contando sobre a mentira no *Auto da Compadecida*. Portanto, inventa duas vezes (mente duas vezes???): 1) inventa porque escrever é ato criativo; 2) como também inventa tematizando prática do cotidiano da humanidade: a mentira.

2.2 DISCUTINDO SOBRE SOCIEDADE, MENTIRA E LITERATURA A PARTIR DE “AUTO DA COMPADECIDA”

Mentir é um ato comum entre os seres humanos. Mesmo assim, ainda ficamos ofendidos quando descobrimos que alguém mentiu para nós. Barnes (1996) afirma que, por mais que a mentira seja algo negativo, de forma geral, é justamente pela existência dela que somos capazes de formular a verdade, afinal de contas, aprender a mentir adequadamente é uma característica importante do processo de socialização humana. O autor também afirma que a capacidade de contar mentiras e detectá-las está relacionada com a idade, com o sexo, com a filiação ética etc.

Segundo Barnes (1996), Nietzsche foi um dos primeiros filósofos a pensar a problemática da mentira com maior substrato e senso crítico. Para ele, assim como a verdade, a mentira nada mais é do que uma construção social, sendo relativizado seu sentido a depender do contexto no qual ela se insere.

Outro fator que relativiza o senso de correto e errado quanto ao ato de mentir é a cultura. Segundo o antropólogo britânico Edward B. Tylor, cultura é “aquele todo complexo que inclui conhecimento, crenças, moral, lei, costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (TYLOR, 1958 apud LAPLANTINE, 2003, p. 41). A mentira, entendida como um fenômeno cultural, é prática inadmissível em determinadas culturas, enquanto que para outra cultura diversa, é um hábito banal, de menor importância.

De acordo com Barnes (1996), o entendimento do juízo de valor da mentira, se certo ou errado, é relativo, mas suas consequências são as mesmas, para todo e qualquer contexto social. Existem mentiras necessárias, aquelas que tornam a convivência entre os indivíduos amigável e cordial, em contrapartida, mentiras políticas – seja proferida pelo candidato durante a campanha eleitoral, seja a positivada no ordenamento jurídico como verdade – não contribuem positivamente para o contexto

social. E são, ou deveriam ser, motivo de preocupação, foco de atenção da população público-alvo.

Consoante Barnes (1996), Santo Agostinho e Kant comungam do pensamento de que a mentira, independente de qual seja, é inadmissível porque torna o homem indigno. O radicalismo talvez não seja a posição mais acertada pelo fato de ser a mentira, muitas vezes, menos danosa do que o conhecimento da verdade. Como toda relação humana, mentir tem dois lados e deve prevalecer o que atende à sensatez e a prudência.

De modo geral, Barnes (1996) trata da mentira como uma falha humana. Isso desde antigamente até os dias atuais. É como se a mentira tivesse se tornado o hálibe principal do homem, ou seja, quase tudo que se faz ou se fala ou é mentira ou omissão. O autor ainda destaca a importância de preparar as crianças para serem honestas, pois se seguirem a tendência dos adultos sem dúvida acabarão afetadas. Barnes (1996) nos traz a ideia de Alexander Holmes (1984, p. 197), qual seja: "quase todas as verdades contadas no mundo são ditas por criança".

Concordando com Holmes (apud BARNES, 1996), é comum pensar na imagem da criança como um ser inocente, um ser que não conhece o lado sombrio da mentira e por isso faz uso dela sem saber o seu real sentido, levando em conta a utilização "inocente" da mentira, podemos citar "As Aventuras de Pinóquio", escrita pelo autor Carlo Collodi (2000). Neste clássico conto da literatura infantil, Collodi sugere à milhares de crianças em todo o mundo como a mentira pode prejudicar a vida das pessoas que amamos. Certamente, todas as crianças que ouviram ou leram a história de Pinóquio pensam duas vezes antes de contar uma mentira.

Fazendo relação com a ideia de Holmes (apud BARNES, 1996), talvez Pinóquio mentia inocentemente, pois ainda não conhecia o lado sombrio e ruim da mentira, isso só veio atona como ponto negativo, quando o seu nariz crescia toda vez que o boneco contava uma mentira. O ponto positivo era que, enquanto ele não respeitasse as regras estabelecidas por Gepeto e repetidas pelo Grilo, ele não se tornaria um ser humano, ou seja, o desejo de se tornar humano fez com que o personagem parasse de mentir e de pensar em si mesmo, deste modo, ele conseguiu sua humanidade. Por outro lado, segundo Barnes, os psicólogos rejeitam essa opinião e dizem que a mentira contado por criança é algo que pode ser dado como certo, talvez seja porque elas mentem de uma forma inocente, ou seja, não é uma mentira com teor de maldade, a mentira é tão inocente que acaba sendo aceita como verdade.

Depois da fase da infância a mentira contada pelos adultos passa a ser algo inocente? Segundo Barnes (1996), não. Depois dessa fase, os motivos que levarão os adultos a mentir determinarão o julgamento moral do uso da mentira, uma vez que, depois de adulto já se tem a consciência das repercussões e possíveis penalidades sociais pelo uso da mentira.

Isto posto, podemos afirmar que no conto sobre Pinóquio, a mentira é tematizada através de um viés moralizante, assim como pode ser notado em *Auto da Compadecida*, como será colocado adiante. No conto, Collodi faz uso de uma abordagem moralizante da mentira em tom dramático, enquanto Ariano Suassuna faz uso desse mesmo tipo de abordagem para a temática, só que, por sua vez, através da sátira e da comédia.

Segundo Barnes (1996), na maioria das sociedades, os valores da verdade e da mentira são vistos como opostos. Normalmente atribuímos à mentira características negativas, a vemos como sinônimo de trapaça e/ou injustiça. Ao contrário, enxergamos a verdade como o belo, o justo, o que devemos alcançar.

Friedrich Nietzsche foi um dos primeiros filósofos a perceber os contornos obscuros que envolvem a mentira e a verdade. Em sua obra "Sobre a verdade e mentira no sentido extramoral", escrita em 1873, ele afirma que a grande maioria daquilo que atribuímos como verdade, só é considerada como tal, devido a uma construção social, linguística e cultural. Desse modo, concluiu que as falsas moralidades funcionam mais como prática de uma ética de mentiras do que de virtudes autênticas.

No homem, a arte do disfarce chega a seu ápice; aqui o engano, o lisonjear, o mentir e o ludibriar, o falar por trás das costas, o representar, o viver em glória de empréstimo, o mascarar-se, a convenção dissimulante, o jogo teatral diante de outros e diante de si mesmo, em suma, o constante bater as asas em torno dessa única chama que é a vaidade. (NIETZSCHE, 2007, p. 54)

O referido autor, então, salienta que o processo de construções de verdades é dinâmico e possui uma enorme gama de variáveis sendo influenciados por aspectos cognitivos, percepções e recalques. Esse emaranhado de processos é o que possibilita que cada sujeito crie sua própria verdade. A mentira pode vir a ser uma forma para entender os mecanismos sociais criados pelo homem.

Para analisar a "arte de mentir" é necessário conhecer a linhagem de famosos mentirosos que construíram a herança de João Grilo e Chicó: os contadores de histórias,

bandidos, malandros e espertos. Esses tipos são universais e descendem de uma longa linhagem que até hoje resiste bravamente. Um exemplo desses contadores é Sherazade, que inventou mil e uma histórias para sobreviver aos caprichos de um rei cruel. Suas histórias estão na obra *As Mil e Uma Noites*. A heroína (contadora) mentia para sobreviver e foi tão bem-sucedida com suas histórias que o rei se apaixonou por ela. O famoso boneco de madeira Pinóquio, o qual já citamos em capítulos anteriores, toda vez que mentia era punido pela fada, que fazia seu nariz crescer.

Um destaque para Leandro Gomes de Barros, que escreveu os famosos cordéis do *Testamento do Cachorro* e *A vida de Canção de Fogo e o seu testamento*. Na contemporaneidade, vale também destacar o trabalho de Eduardo Agualusa, que de forma insinuante intitulou seu livro como o *Vendedor de Passados*, no qual o personagem principal cria memórias, para quem precise delas. E o querido Dom Quixote, que renegando a realidade, se apossou de uma história inventada para viver como queria e como sonhava.

Para escrever sua peça teatral, Ariano estudou a fundo os mais variados tipos de mentirosos. Suassuna trouxe à tona as histórias populares conhecidas, os cordelistas, os versos dos cantadores, conta o conto e aumenta um ponto único e só seu, consagrando a arte popular a um patamar rudito. "Os cantadores assim como fazia as fortalezas para os cangaceiros, construíram também, com palavras e a golpe de versos, castelos para eles próprios, onde os donos se isolam coroando-se reis" (SUASSUNA, 2005, p. 68). Isto nos leva ao pensamento de Nietzsche (2007), quando este nos mostra que:

Os métodos científicos podem ajudar a desanuviar as sombras metafísicas que se acumulam em torno do conhecimento. No momento em que aprendemos a questionar as coisas e a nós mesmos, a verdade talvez acabe por revelar uma não verdade à sua base, prestando um testemunho inteiramente inesperado sobre si próprio (p. 56).

O filósofo alemão acreditava que a mentira ganha forma de verdade quando a pessoa que é enganada não possui provas ou pensamentos lógicos para refutar o que lhe foi transmitido, dessa forma, a mentira pode se prolongar durante muito tempo, sendo considerada uma verdade inquestionável. Por isso que muitos são enganados pela mentira, porque pensam que a mesma é verdade.

O que é portanto a verdade? Uma multidão móvel de metáforas, metonímias e antropomorfismos; em resumo, uma soma de relações humanas que foram realçadas, transpostas e ornamentadas pela poesia e pela retórica e que, depois de um longo uso, pareceram estáveis, canônicas e obrigatórias aos olhos de um povo: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que são, metáforas gastas que perderam a sua força sensível, moeda que perdeu sua efígie e que não é considerada mais como tal, mas apenas como metal (NIETZSCHE, 2007, p. 56).

O mentiroso utiliza a linguagem como a principal forma de parecer real o que é irreal, para normalmente conseguir alguma vantagem ou prejudicar alguém. Se agir por algum desses motivos e suas mentiras forem descobertas, perderá seu crédito perante a sociedade, que pode até o excluir.

Os homens fogem menos da mentira do que do prejuízo provocado por uma mentira. Fundamentalmente, não detestam tanto as ilusões, mas as conseqüências deploráveis e nefastas de certos tipos de ilusão. É apenas nesse sentido restrito que o homem quer a verdade. Deseja os resultados favoráveis da verdade, aqueles que conservam a vida; mas é indiferente diante do conhecimento puro e sem conseqüência, e é mesmo hostil para com as verdades que podem ser prejudiciais e destrutivas (NIETZSCHE, 2007, p. 60).

Para Nietzsche (2007), algumas mentiras possuem um papel importante na nossa sociedade, por contribuírem para a melhoria da convivência social, afirmando, inclusive, que muitas vezes, o homem gosta de ser enganado. Por isso afirmou com tanta veemência que o homem não foge da mentira, mas das conseqüências que ela pode trazer, portanto, quando a verdade traz conseqüências nefastas, o homem também irá fugir dela.

João Grilo - É difícil, quer dizer, sem jeito? Sem jeito! Por quê? Vocês são uns pamonhas, qualquer coisinha estão arriando. Não vê que tiveram tudo na terra? Se tivessem tido como aguentar o rojão de João Grilo, passando fome e comendo macambira na seca, garanto que tinham mais coragem. Quer ver eu dar um jeito nisso? (SUASSUNA, 2005, p. 142)

Tomemos como exemplo o que ocorre durante a cena do julgamento, após a morte de João Grilo, em que ele toma a frente e lidera. Esse julgamento é importante na obra, por ser o momento onde a máscara social cai e Deus consegue "ver tudo". O pobre João Grilo é o único que não muda, sua identidade sempre foi a mesma e ele acaba conseguindo cair nas graças da Compadecida, exatamente por ser de posição pobre e desfavorecida. Segundo Geremek (1995), o pobre pode suscitar desprezo ou admiração, ser sinônimo do sublime ou da baixeza, provocar compaixão ou escárnio:

(...) desprovido dos laços materiais e dos comprometimentos da propriedade, o miserável expressa um conhecimento universal da verdade sobre a existência humana, esquecida por todos. E também portador da imagem e da "voz de baixo", dos níveis inferiores da sociedade, da consciência e das culturas populares. (p. 7)

Suassuna construiu seus personagens com o material vasto que coletou ao longo da sua vida. Ele também tem gambiarras metafísicas e, por isso, entende os mecanismos das mentiras contadas há gerações. Afinal, como nos revela Geremek (1995): "é sob a pressão da história e da tradição que se estabelecem as escrituras possíveis de determinado escrito"

Suassuna sabe que o homem é diverso, plural e que por isso suas ideias também o são, seus pontos de vista e suas posições perante o mundo podem variar; o autor desenha o sertanejo com diversidade de detalhes, ou como Paul Zumthor citando Vico destaca, "a ciência consiste em colocar as coisas em uma ordem bela" (ZUMTHOR, 2000, p. 117). Com gostos e manias, estes personagens que ainda estão em formação, se constroem na miragem do outro, pois "é através da palavra que me defino em relação ao outro" (BAKHTIN, 2010, p. 113).

Desta feita, tanto a verdade quanto a mentira possuem o mesmo valor na sociedade, ambas podem ser construídas e demolidas por intermédio da argumentação e manipulação de seus elementos constituintes. Se o que acreditamos que seja mentira pode em algumas hipóteses ser verdade, ou então que a mentira, em determinadas situações, pode trazer melhores consequências para o homem do que a verdade, então pode ser possível encontramos uma ética na mentira. Como o conceito de ambas é pessoal, o que realmente conta é a motivação que antecede o fato em sua essência, sendo este que vai dar à mentira um caráter bom ou ruim.

Os personagens de *Auto da Compadecida* fazem uso da mentira em boa parte da história. Antes de mais nada, é preciso deixar claro que não objetivamos aqui fazer uma

análise psicológica/clínica dos personagens que mentem na narrativa, haja visto que nosso interesse não é tematizar a mentira pelo seu lado patológico. Nosso intento é entender os condicionamentos sociais que engendram o uso da mentira pelos personagens de *Auto da Compadecida*.

Começando pelos falsos elogios, passando pelas desculpas "esfarrapadas" ou pelas mentiras descaradas, os personagens do *Auto da Compadecida* são levados a mentir pelos mais diferentes motivos: para garantir a sobrevivência social (João Grilo), por ganância (Padre, Bispo e sacristão), por infidelidade (esposa do padeiro), para alcançar um determinado objetivo (Diabo) ou até por uma certa inocência tal qual Pinóquio (Chicó).

Desta forma, tanto socialmente, como aponta Barnes (1996), como na obra (consequentemente) conforme nossa análise, a mentira surge por várias razões: receio das consequências (quando os personagens demonstram temor que a verdade traga consequências negativas – na obra é o caso da esposa do padeiro), insegurança ou baixa de auto-estima (quando os personagens tentam passar uma imagem deles próprios melhor do que a que verdadeiramente acreditam – na obra é o caso de todos os personagens quando chegam ao purgatório para serem julgados por Deus), por razões externas (quando o exterior os pressiona ou por motivos de autoridade superior ou por co-acção – na obra é o caso de todos os personagens que temem e são coagidos pelo Diabo a seguirem com ele para o inferno), por ganhos e regalias (já que acreditam que mentir traz ganhos, vale a pena mentir para ficar em vantagem em relação aos que dizem a verdade – na obra é o caso das mentiras de João Grilo).

É possível perceber também que em relação a obra é como se existisse uma espécie de contrato entre o mentiroso (personagem) e o ouvinte (leitor), uma cumplicidade que reforça a forma como o mentiroso deve vencer e enganar quem o escuta. O autor que incorpora um palhaço na peça divide o mundo da ficção e da realidade através do toque de um clarim. Assim, o leitor é colocado diante desses dois mundos, e sabendo ele diferenciar, opta por continuar a leitura acreditando na fantasia, ou seja, o leitor sabe que vivenciará um momento de "mentiras", e é como se ele gostasse de ser enganado, de viver algo que não é real. Barnes (1996), traz a citação de John Locke (1894), que afirma: "[...] Os homens tem prazer em ser enganados."

Deste modo, podemos afirmar que os personagens da obra de Ariano Suassuna em tela fazem usos estratégicos da mentira, de modo que os personagens da obra interagem entre si a partir da mentira tal qual acontece no mundo social. Vale ressaltar

que as mentiras da narrativa da obra tem efeitos sobre o leitor: um efeito de riso e muitas vezes moralizador, ou seja, ele aceita a mentira, pois mentir é um comportamento praticamente esperado da interação social, é uma prática considerada trivial em sociedade. Talvez, por este motivo, as pessoas admitam a mentira na obra.

As mentiras de Chicó são inocentes e vemos que nada lhe acontece. Face a frequência com que acontecem, elas são consideradas como “mentira positiva”: a “mentira branca”. Como afirma Barnes (1996), esta é considerada como uma forma de facilitar a integração na sociedade. Assim, a maneira pela qual Chicó faz uso da mentira: “por amor”, atenua uma possível culpa e/ou penalidade, sendo considerada justificável e, inclusive, pode ser considerada “heroica”, pois são um meio de enganar o pai da amada, que é contra o relacionamento, já que Chicó é alguém sem “eira nem beira” e sua amada é filha de coronel, portanto, abastada, devendo casar-se com alguém de “mesma estirpe”. Chicó, desse modo, usa a mentira, mas, por estar apaixonado e por lutar pelo “amor impossível”, não é “condenado”.

Já João Grilo, que aparece na obra como alguém “matreiro” e “esperto”, é levado a julgamento, já que suas mentiras prejudicaram outras pessoas, inclusive, materialmente. João Grilo não é condenado, mas também não é inocentado. Ele acaba recebendo uma segunda chance por conta da intercessão da Compadecida, voltando a vida para corrigir “seus erros” (para isso, não podendo mais mentir).

No ambiente do homem necessitado do Sertão que surgem dezenas de santos, como o Padre Cícero Romão e a Compadecida, canonizados pelo povo e representados em diversos folhetos, filmes, versos, canções, cordéis e preces como santos milagrosos. O sertanejo é um homem temente a Deus, e os aspectos religiosos na peça são evidentes, apresentam forte poder moralizador e catequético. O próprio palhaço da obra reafirma tais aspectos no começo do primeiro ato, quando diz: "Auto da Compadecida! Uma história altamente moral e um apelo à misericórdia".

Parece que Ariano Suassuna quer representar a mentira como dois vieses: queda e salvação do homem. A obra toda segue com os pecados dos homens, até estes serem devidamente julgados, mas com misericórdia, pois é como Chicó afirma: "Ele diz misericórdia, porque sabe que se fôssemos julgados pela justiça, toda a nação seria condenada. (SUASSUNA, 2005), pois parece posto que “todo mundo mente”.

Suassuna, corroborando com a ideia de que todos os homens são pecadores, tenta mostrar um caminho para a salvação e se vale da mentira para, de certo modo, também causar o riso do leitor e consequentemente trazer leveza na obra. A peça é dividida em

várias camadas, sendo o julgamento final a última delas. O palhaço organiza a cena na qual entra Jesus Cristo e depois é chamada a Compadecida.

Na obra, a verdade é mostrada como aquilo que prevalece, pois Manuel (Jesus Cristo) afirma: "O tempo da mentira acabou!" (SUASSUNA, 2005). Ou seja, mentir não é a melhor opção. É importante perceber que essa expressão feita por Manuel e os próximos diálogos da cena, deixam claro que é o momento de falar a verdade, naquele ambiente, o do purgatório, é um onde não existe espaço para a mentira, elas não fazem mais efeito nem podem ser toleradas, ainda que, como mostra Barnes (1996), não existe uma sociedade em que a mentira não exista, pois o convívio social não seria possível se a verdade fosse sempre dita por todos em todas as situações, sendo a mentira inerente aos processos comunicativos.

O tema tratado neste trabalho integra a vida cotidiana e pode, por isso, ser considerado, por muitos, insignificante, de pouca importância é até um resíduo sem qualquer valor sociológico ou histórico. No entanto, o autor busca mostrar que a mentira pode ser reveladora da forma como fazemos história sem saber que a fazemos, pode ser reveladora da maneira como se manifesta o imaginário social. O cotidiano aparece na obra por meio da escrita do autor que, entendida através da Sociologia, é visto como um *lugar* onde são estabelecidas as ligações entre as estruturas e sistemas que regulam nossa vida, resgatando, ao mesmo tempo, o sujeito enquanto agente histórico.

Por fim, é possível postular a mentira como uma forma de resistência por parte dos personagens na qual, nós, enquanto sociedade, também utilizamo-nos da mesma para os mesmos fins e, ao mesmo tempo, podemos ver o uso da mentira em sociedade como meio de adaptação ao poder que é exercido sobre nós nas mais diversas situações que enfrentamos no dia-a-dia.

A "imoralidade da mentira", como nos faz crer Barnes (1996), não consiste na violação da "sacrossanta" verdade. Ao fim e ao cabo, tem direito a invocá-la uma sociedade que induz os seus membros compulsivos a falar com franqueza para, logo a seguir, tanto mais seguramente os poder surpreender. À universal verdade não convém permanecer na verdade particular, que imediatamente transforma na sua contrária. O erro reside na excessiva sinceridade. Quem mente envergonha-se, porque em cada mentira deve experimentar o indigno da organização do mundo, que o obriga a mentir, se ele quiser viver.

Para Barnes (1996), tal vergonha rouba a força às mentiras dos mais humildemente organizados. Elas confundem e, por isso, a mentira só no outro se torna imoralidade como tal. Toma este por estúpido e serve de expressão à irresponsabilidade. Entre os insidiosos práticos de hoje, a mentira já há muito perdeu a sua honrosa função de enganar acerca do real. Ninguém acredita em ninguém, todos sabem a resposta. Mente-se só para dar a entender ao outro que a alguém nada nele importa, que dele não se necessita, que lhe é indiferente o que ele pensa acerca de alguém. A mentira, que foi outrora um meio liberal de comunicação, transformou-se hoje numa das técnicas da insolência, graças à qual cada indivíduo estende à sua volta a frieza, e sob cuja proteção pode prosperar.

3 CONCLUSÃO

Todo ser humano possui a incrível capacidade de se diferenciar dos demais, mas temos muita dificuldade para colocá-la em prática, visto que nossas ações e escolhas são baseadas em nossa cultura, que está baseada em nossos valores morais, crenças, religião, dentre outros. Alguns costumes sociais estão tão intrínsecos ao nosso cotidiano que, às vezes, se torna quase impossível identificá-los. Algumas posições e opiniões são pré-estabelecidas e incorporadas na rotina do indivíduo social, o que muitas vezes não nos permite reavaliar valores, crenças ou hábitos como, por exemplo, a questão da mentira.

Aprendemos em nossa cultura, desde que nascemos, que mentir é feio, entretanto percebemos que as pessoas que nos dizem isso fazem constante uso da mentira com as seguintes justificativas: “uma mentirinha não faz mal à ninguém”, “a verdade é bonita, mas é dura e não compensa”, “é mais importante parecer do que ser”. Desta feita, compreendemos que a mentira deve ser evitada, que devemos buscar e praticar a verdade, mas em determinadas situações possuímos o “álibi” de mentir, e acabamos mentindo, consagrando a ética da mentira. A mentira, desse modo, pode tornar-se um hábito e deste defluir um vício, pois sempre que o indivíduo tiver medo da verdade ou precisar escondê-la, fará uso da mentira. Em contrapartida, ninguém quer ser visto como mentiroso, mesmo que o seja.

Vimos através da obra “Auto da Compadecida”, que a mentira ocupa um lugar social, porém ainda é um assunto pouco enfrentado pela sociedade sem que se use um

viés moralizante/condenatório/punitivo. Quando vista de forma bem-humorada, jocosa, satírico-cômica em alguma obra literária, como é o caso de *Auto da Compadecida*, passa a ser encarada, ainda que seja mais fácil apontar a mentira do outro do que assumir a nossa.

A mentira contada pelos personagens aparece em diferentes níveis na obra, as mentiras de Chicó, por exemplo, são inocentes e vemos que nada lhe acontece, enquanto João Grilo é levado a julgamento pois suas mentiras prejudicaram outras pessoas. O Padre, o Sacristão e o Bispo, mentem no intuito de alimentar sua ganância pelo dinheiro, pelo poder, homens que fazem uso da mentira e tiram proveito da ingenuidade e da boa vontade alheia por usura. A esposa do padeiro, infiel, faz uso do recurso da mentira para manter uma relação estável com seu esposo e isso se torna claro na cena do purgatório quando ela afirma que mentiu por amor e por medo de perdê-lo. Ainda temos a representação do diabo, que de modo maléfico, mente para poder levar os personagens para seu próprio reduto. Socialmente todos esses tipos de mentira são praticados no cotidiano. Tendo em vista que não se pode fugir da mentira sem praticar a própria mentira, é possível afirmar que todos os personagens da obra representam a sociedade e que mentem durante toda a narrativa de forma articulada para, na maioria das vezes, saírem do apuro, afinal de contas, como está posto na obra: "a esperteza é a arma do pobre".

É passível o entendimento de que a verdade absoluta, em toda e qualquer circunstância, tornaria as relações sociais insustentáveis. Mas é preciso questionar até que ponto, em quais circunstâncias, a mentira é legítima e necessária. A legitimidade de sua aplicação deve ser mais minuciosamente pensada quando se faz presente na política, na regência de um governo e até mesmo positivada no ordenamento jurídico.

Poucas são as obras literárias que tematizam a mentira para permitirem sua análise. A prova disto está na dificuldade de encontrar trabalhos acadêmicos que abordem essa questão.

Deste modo, este trabalho, ainda que se considere ser uma tentativa, dentre outras possíveis, de abordar esta questão, numa perspectiva interdisciplinar, buscou lançar luz sobre temática pouco discutida não só no campo da análise literária, assim como da Sociologia e da Antropologia, que é a mentira, tentando fazê-lo livre de pré-noções e preconceitos, no intuito de, assim, contribuir para a produção de conhecimento em todos estes campos de pesquisa acima referidos.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p.277-326.

BARNES, J.A. Um monte de mentiras: **Para uma sociologia da mentira**. Campinas: Papyrus, 1996.

BORBA FILHO, H. **Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP). Folha da Manhã**, Recife, 19 fev. 1953.

COLLODI, Carlos. **As Aventuras de Pinóquio**. Itália: Libraio Editora, 1881.

GEREMEK, Bronislaw. **Os Filhos de Caim**: vagabundos e miseráveis na literatura europeia. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HOLMES, Oliveira Wendel. **O Direito Comum**. 47º és. Boston: Little, Brown e Company, 1881.

LOCKE, John. **Ensaio acerca do Entendimento Humano**. Lisboa: Ed. Calouste Gulbenkian, 1999.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral**. São Paulo: Editora Hedra, 2007.

PINHEIRO, Helder. **Pesquisa em Literatura**. Campina Grande: Bagagem, 2003.

RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil**. São Paulo: Madras, 2008.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo: Herder, 1965.

SUASSUNA, Ariano. **Auto Da Compadecida**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

TRIVINOS, A. W. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo. Ed: Educ, 2000.